
Vidas (in)Visíveis: o uso do podcast como formato amplificador de sentimentos e sensações por meio de relatos autobiográficos¹

Yuri Anderson Simões Pereira²

Ricardo Augusto Silveira Orlando³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

Podcasts e relatos autobiográficos podem ter um denominador comum: construir sensações e amplificar sentimentos em seus ouvintes e leitores. Quando realizados em conjunto, podem produzir sentidos e conexões entre narrador - que realiza sua autobiografia - e o público. O presente texto recupera questões presentes no Trabalho de Conclusão de Curso “Idosos em lares comunitários: memórias, afetos e histórias”, que embasaram a produção do podcast Vidas (in)Visíveis: a velhice, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) e os estigmas históricos que recaem sobre moradores dessas instituições. A partir daí, discute a memória e o podcasting por meio dos relatos autobiográficos, como amplificador de sensações e conseqüentemente, modo de aproximação do ouvinte com o narrador na desconstrução de estereótipos e estigmas.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; ILPIs; Idosos; Autobiografia; Memória

INTRODUÇÃO

Os podcasts têm como uma de suas características mais marcantes a imersividade e a construção de espaços sonoros nos quais o ouvinte consegue utilizar a imaginação para que se sinta parte da história. Nesse sentido, segundo as discussões sobre imersividade em produções sonoras (VIANA, 2018), esse aspecto, em específico, faz com que os temas propostos para as produções possam favorecer a sensibilidade, resultando na ampliação do envolvimento do ouvinte na história.

Da mesma maneira, os relatos autobiográficos, também podem construir narrativas e espaços, além de evocar sentimentos e sensações nos seus receptores. Philippe Lejeune (2008) afirma que a autobiografia, apresentada sob forma de “romance”, toca mais profundamente os leitores. Ele também afirma que esses relatos permitem aos leitores pensarem, por sua vez, em sua própria história.

¹ Trabalho apresentado na IJ04- Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, email: yuri.asimoes@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: ricarddo.augustto@yahoo.com.br

Esse trabalho retoma questões que embasaram a produção do podcast Vidas (in)Visíveis, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto. No produto, busca-se a junção da imersividade e do relato autobiográfico, com o objetivo de humanizar, aproximar e conectar o ouvinte com histórias de vida de um grupo invisibilizado pela sociedade – moradores de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). A partir de quatro episódios que narram a vida de cinco idosos residentes no Lar Santa Maria, localizado em Mariana (MG), ele procura desconstruir estereótipos e estigmas que recaem historicamente sobre este grupo, além de buscar ativamente a construção de uma perspectiva de visão para com esses idosos que seja divergente do senso comum. Para além desse aspecto, o produto também constrói, por meio da tomada de palavra pelos próprios idosos, um registro da memória e das histórias de vida dos interlocutores, evidenciando o relato autobiográfico enquanto sustentador de vivências, construtor de sensações e potencializador de trocas entre narrador e ouvinte.

VELHICE, ILPIs, ESTIGMAS

A velhice, termo já discutido em diversos âmbitos, com diferentes nuances e contextos, é, segundo Machado (2020), um discurso que não apresenta um começo definido, mas desenrola-se ao decorrer de décadas, contemplando aspectos específicos, e que não apresenta um final definitivo. O autor afirma que:

Conceber a velhice como uma categoria homogênea e claramente definida acarretaria, inapelavelmente, um reducionismo atroz, que a limitaria aos seus estereótipos mais comuns e mais simplórios, que há tempos marcam o imaginário coletivo e que constituem as visões já cristalizadas acerca dessa etapa da vida. (MACHADO, 2020, p.23)

Para entendermos, de certa forma, o conceito de velhice nos dias atuais e a estigmatização que cerca as questões etárias, vale lembrar que são processos históricos e sociais e, então, é importante olharmos um pouco para trás. A discussão acerca da velhice teve seu fortalecimento e sua base teórica de maneiras mais lapidadas a partir do fim do século XIX e do início do século XX, de acordo com a pesquisadora Luna Silva (2008). Segundo a autora, nesse período as discussões sobre o tema se ampliaram e se consolidaram por conta de uma maior estruturação e estabilidade das classes sociais e das faixas etárias.

De início, os estudos sobre a velhice se concentravam nos limites físicos do ser humano. A geriatria definia a velhice como inaptidão e decaimento do corpo com o passar do tempo. Por consequência do pensamento de que o corpo iniciava por si só um estado de decadência que afetava todas as outras áreas sociais, como o trabalho, cresce, a partir daí, um estigma da maneira com que os idosos e a velhice eram vistos.

Tendo como base os conceitos estigmatizados sobre a velhice, a gerontologia, por meio de estudos não só de médicos, mas de sociólogos, psicólogos e antropólogos, construiu uma base para que se pudesse olhar para além do saber da medicina sobre a velhice. A gerontologia, de acordo com Silva (2008), tem entre seus objetivos justamente divergir e criticar a forma como a geriatria até então tratava a velhice, fazendo assim uma desconstrução dos estigmas criados em torno do tema. Seguindo a teoria do construtivismo social, os gerontólogos passaram a advogar a desconstrução radical e o deslocamento das imagens negativas do envelhecimento, assim como a elaborar um imaginário positivo para a velhice, afirma Silva (2008, p.164).

A mudança do olhar para com o velho também toma nova forma a partir da obtenção de renda institucionalizada pela aposentadoria na maioria dos países do mundo. Com ela, pessoas que anteriormente não tinham acesso a outros meios de subsistência, a não ser o próprio grupo familiar, puderam se basear economicamente no provento. A partir disso, Silva (2008) afirma que nos anos 1960 e 1970, em meio à lógica capitalista, os idosos foram motivo de maior visibilidade e sensibilidade por conta da inserção desse grupo no universo do consumo, o que antes não acontecia. A ideia de velhice, que antes era baseada na invalidez física, agora muda o tom definitivamente, fazendo até com que as nomenclaturas utilizadas, para categorizar a velhice fossem alteradas, aproximando o termo “velho” a ideia pessoas de baixa renda, o termo “idoso” a pessoas que estavam em classes sociais mais elevadas e criando-se, inclusive, a expressão “terceira idade”.

A pesquisa “Idosos no Brasil II: Vivências, desafios e expectativas na 3º idade”, realizada pelo SESC-SP e Fundação Perseu Abramo (2020), constrói um panorama atual, com base na opinião pública, da realidade da população idosa no país. As compreensões sobre a velhice continuam em adaptação, mas mantém um estigma recorrente de seu histórico estereotipado em algumas situações. O levantamento foi feito com 2.369 pessoas acima de 60 anos e traça um perfil que abrange aspectos relacionados à saúde, trabalho, educação e lazer.

Sobre a velhice, os entrevistados afirmaram que, nessa fase da vida, há diversos pontos positivos e negativos. Entre as respostas, empatam com 35% cada um, os que afirmam que durante a velhice há mais coisas boas do que ruins, e vice-versa. Os que disseram que na velhice há tanto coisas boas quanto coisas ruins somam 24%. Ainda sobre o tema, 41% apontaram que hoje, em comparação com 20 a 30 anos atrás, os aspectos que rondam a velhice no Brasil pioraram com o decorrer do tempo. Para 39%, as coisas melhoraram e, para 13%, as coisas continuam iguais. Já a percepção de idosos sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) também se mostrou relevante na pesquisa.

Ambos os públicos concordam que “as boas são muito caras”, “tem horário para tudo e o idoso perde sua independência”, “tem profissionais adequados para cuidar dos idosos”, e existe uma maior associação por parte dos idosos para ideias como “perde o contato com a família e os amigos, as pessoas o esquecem”, “deixa de ser um incômodo para a família”, e “depois que o idoso entra nunca mais sai”. (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO; SESC-SP, 2020, p.20)

O termo Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) foi idealizado pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e começou a ser utilizado no Brasil em 2005, após a publicação, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), da Resolução de Diretoria Colegiada - RDC Nº 283. O termo foi criado devido ao grande estigma que recai sobre os outros termos associados aos locais de acolhimento de idosos popularmente conhecidos como asilos ou casas de repouso. As ILPIs são locais que recebem, acolhem e prestam serviços contínuos à população idosa. A socióloga Guita Debert (2004, p.136) em seus escritos sobre as instituições afirma: “Asilo é um termo carregado de estereótipos negativos. Lar dos Velhinhos, Jardim ou Casa de Repouso são expressões encontradas para substituir a rotulação discriminatória, presente na palavra asilo.”

Historicamente, tanto no Brasil quanto em outros países, essas instituições têm ligação direta aos serviços de filantropia e de atenção à população carente, principalmente por instituições religiosas. De acordo com Fagundes *et al.* (2015), as instituições de acolhimento surgiram ainda no século VI, entre os anos de 520 e 590, a partir da criação de um hospital para pessoas idosas pelo Papa Pelágio II, líder da igreja católica na época. Entretanto, por muito tempo as instituições de acolhimento para pessoas idosas foram utilizadas como formas de exclusão social de indivíduos, tendo como principais usuários pessoas acometidas por doenças, que não tinham condições econômicas, ou por serem abandonados pelas famílias.

As primeiras instituições já foram elaboradas pautando-se na assistência, na formação espiritual e também na exclusão social, uma vez que a criação das instituições respondia ainda a uma necessidade da época, na tentativa de solucionar a problemática da mendicância, da pobreza e das doenças (FAGUNDES *et al.*, 2015, p.212).

Ainda segundo a resolução da ANVISA, algumas condições são necessárias para a manutenção e a continuidade dos serviços nas instituições. Entre elas, é possível destacar a obrigatoriedade das ILPIs propiciarem o exercício dos direitos humanos para os residentes, garantindo condições de liberdade, dignidade e cidadania, e também o acesso aos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e individuais dos seus residentes.

Mesmo com essas garantias, o processo de institucionalização dos idosos, por vezes, pode ser doloroso e traumático, visto que eles acabam perdendo sua própria individualidade e são obrigados a se enquadrarem em um conjunto de regras e normas de conduta, além de rotinas diferentes das suas, impostas pela instituição em seus modos próprios de organização do local. Contudo, Debert (2004) afirma que essas instituições, quando pensadas na contemporaneidade, não utilizam um formato de exclusão e cerceamento social, historicamente dado. A autora argumenta que, por vezes, é possível que haja a flexibilização da obrigatoriedade da participação de atividades realizadas em grupo, por exemplo.

Pensando nas características dos processos de entrada dos idosos nas ILPIs, Fagundes *et al.* (2015) alegam que também existem fatores que determinam a institucionalização dos idosos de forma compulsória. Quando pensada a institucionalização nesses termos, algumas causas e/ou fatos na história de vida dos idosos podem ser determinantes, como viuvez, falta de cuidador domiciliar, aposentadoria com rendimento baixo, suporte social precário, aumento de gastos com saúde, estágios terminais de doença e alto grau de dependência física.

Tendo em vista todos os aspectos que rodeiam os processos de institucionalização e dos estigmas que rondam não só a velhice em si, mas também a condição de institucionalizado, é necessário entender as dores, angústias e a forma como os idosos lidaram e continuam a lidar com a vida nas ILPIs. Por meio dos relatos, organizados e publicados pelo podcast Vidas (in)Visíveis buscou-se evidenciar, mesmo que de forma individual, mudanças tanto sociais, quanto psicológicas nos idosos institucionalizados. Fagundes *et al.* (2015, p. 214) afirmam que a partir dos relatos, significados dos processos podem se tornar claros: “As falas dessa pessoa idosa encontram-se impregnadas de valores e

experiências adquiridas ao longo da vida de cada um e são eles que determinam profundamente sua maneira de perceber e entender os significantes ao seu redor.”.

O RELATO COMO CONSTRUTOR DE SENTIDOS

O ato de relatar uma lembrança é uma maneira de se adentrar ao espaço da memória e fazer com que situações dos mais diversos âmbitos da vida sejam reavivadas. Falar sobre a vida, principalmente pensando nos idosos institucionalizados, é uma forma deles se ressignificarem nos espaços de preconceitos e de estigmatizações nos quais acabaram sendo colocados contra a própria vontade.

Sobre isso, Sarlo (2007, p.39) afirma: “O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido, e ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memórias seriam uma “cura” da alienação e da coisificação.”. O espaço do Lar de Idosos, popularmente conhecido como asilo, carrega diversos estigmas devido, principalmente, aos processos históricos que antecederam suas atuais regulamentações e regimentos como visto anteriormente.

Por meio dos relatos autobiográficos, que, referenciando Sarlo (2007), tem a possibilidade produzir uma “cura da coisificação”, eles podem também contribuir tanto em um processo de desconstrução dos preconceitos para com o idoso institucionalizado, quanto para com o ambiente do Lar Comunitário.

Os conteúdos dos relatos utilizados no podcast Vidas (In)Visíveis, que prezam principalmente por momentos que antecedem o processo de institucionalização, têm como alguns de seus objetivos criar uma proximidade ante o morador da instituição, como também desconstruir um olhar estigmatizado sobre estes idosos, num processo de ressignificação de definições comumente pré-concebidas. Como discutido por Lejeune (2008), a produção destes recortes autobiográficos podem fazer com que o público crie, ao ouvir as histórias, ligações e semelhanças com suas próprias histórias de vida.

Bosi (1994) afirma que quando coletados relatos autobiográficos, os entrevistados tendem a contar fatos e acontecimentos ocorridos durante a vida adulta, a infância e a adolescência. Sobre isso ela afirma que:

A infância é larga e quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação que nossos passos se afundam. (...) O território da juventude já é transposto como o passo mais desembaraçado. A idade madura, como passos rápidos.” (BOSI, 1994, p.415)

Os relatos, mesmo que de forma individualizada, sempre inclinam-se aos mesmos temas, que rodeiam as vidas de todos, como por exemplo histórias em que a esposa ou o marido acabaram falecendo, relações ao longo da vida que não foram tão boas, além de suas experiências na infância e na juventude. Essa divisão, normalmente, é marcada por fatos que constroem o próprio entendimento do sujeito como ator social. Bosi (1994, p. 417), dá como exemplo, o primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento, entre outras situações em que o interlocutor é sujeito ativo na construção de sua trajetória de vida.

Na maioria das entrevistas realizadas no podcast *Vidas (in)Visíveis*, os idosos acabam deixando os momentos de vivência dentro da instituição como o ponto menos percorrido durante a entrevista, sempre voltando o assunto a outros períodos em que seus passos – como faz a analogia de Bosi – provavelmente, fizeram mais sentido para eles.

Dessa forma, escutar histórias de vidas como todas as outras – em que há amores, felicidades, tristezas, erros, acertos e todas as experiências e sentimentos que nos cercam e nos assemelham diariamente – constrói, mesmo que inconscientemente, uma nova perspectiva ao olharmos para os idosos.

Esse processo de ressignificação do sujeito, por meio de sua própria voz, se torna uma forma de reafirmação dos indivíduos como donos de suas próprias histórias. Esse aspecto do podcast *Vidas (in)Visíveis* tende a promover um movimento contrário ao senso comum, em que os idosos institucionalizados são entendidos por algumas pessoas como apenas parte de uma instituição, sem suas individualidades e sua vida anterior ao processo de institucionalização. Com relação a essa ressignificação dos sujeitos perante um olhar preconceituoso da sociedade, Debert (2004) afirma que a memória e a história devem ser repassadas, fazendo assim, um movimento de troca entre gerações:

A memória é um bem valioso que, assim como a história, deve ser transmitida às gerações mais jovens. Por princípio, portanto, sendo portador dessa memória, cada idoso deve ter sua respeitabilidade recuperada e garantida diante dos mais jovens e dos que estão na mesma faixa etária. (DEBERT, 2004, p.101)

Pensando nisso, o podcast, por meio dos relatos, promove um reavivamento e a ampliação dessas memórias, fazendo com que, mesmo que de formas não tão palpáveis, estes idosos possam voltar a ser visíveis à sociedade como sujeitos de vidas ativas.

Sobre a forma da coleta dos relatos utilizado pela produção – sem o acompanhamento de um rigoroso processo de investigação e de checagem de informações –, Sarlo (2007, p.19) afirma que a história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou reparar uma identidade machucada.

Ainda sobre o processo de checagem dos fatos, Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, ao tratar das memórias de pessoas idosas, ainda que não institucionalizadas, cita que mesmo com algumas situações podendo não ser totalmente fidedignas aos fatos reais, não há nenhum interesse de se estabelecer uma checagem de informações e muito menos de um confronto das lembranças relatadas com o que realmente possa ter acontecido, caso haja alguma diferença.

“A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (BOSI, 1994, p.37)

No podcast também apenas foi de interesse o que foi lembrado pelos entrevistados, tendo como base e como guia os relatos utilizados para construção do panorama de uma vida que vem desde antes do processo de institucionalização, até os momentos atuais da vivência de cada um. Ao fazer isso, podemos afirmar que o trabalho retoma, em alguns aspectos e características, uma forma de se construir uma espécie de autobiografia, em que o sujeito interlocutor toma para si o ato de narrar sua própria história de vida, sem contestações externas e validado por um “pacto autobiográfico”, como o discutido por Lejeune (2008, p. 104) que afirma que é certamente impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento. O autor cita que a autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico, com o desejo de saber e compreender, e no campo da ação, com a promessa de oferecer essa verdade aos outros.

PODCAST COMO AMPLIFICADOR DE EMOÇÕES

Os podcasts são um gênero comunicacional ancorado pelo sonoro e diretamente ligado ao radiojornalismo e suas produções. Entretanto, o podcast em diversas situações diverge do radiojornalismo, criando sua própria lógica de produção, veiculação e também de conteúdo. Eles se dividem em diferentes formatos, pensando principalmente na sua característica de produzir conteúdos focados em nichos de públicos específicos (SIMÕES, 2020). Por poder se moldar a esses distintos modos de elaboração, o produto final pode ter diferenciados modelos estéticos, fazendo assim, com que os espectadores possam escolher quais serão mais atrativos. Os modelos dos podcasts vão desde os que necessitam de uma edição rigorosa e roteiros muito elaborados, como também os que não se prendem ao rigor da roteirização, de tempos demarcados e nem de edições tão elaboradas.

Por meio do podcast, mídia sonora que vem se ampliando expressivamente, é de se questionar que seja possível a construção de sentidos e sensações no receptor dos relatos.

Entre os principais modelos de produção deste gênero radiofônico há o roda de conversa, que se baseia em uma gravação em que três ou mais locutores conversam sobre uma temática definida. Tendo em vista essa liberdade e a ideia de conversa que vai diretamente no nome do formato, ele se torna livre de roteirização.

Além deles, há também os podcasts de entrevista e de debate. Ambos se dão a partir das opiniões de especialistas sobre o tema proposto por meio de perguntas feitas pelo locutor e mediador da discussão. Entretanto, o que os distingue, na maioria das vezes, é a forma como as conversas são conduzidas, sendo o de entrevista produzido a partir de opiniões de uma única fonte de cada vez, e o debate, a partir da construção da discussão sobre o mesmo assunto por entrevistados diferentes, e ao mesmo tempo.

Em contraponto aos modelos anteriores, há os *storytellings*, que tem como objetivo contar histórias de forma a entreter quem escuta, diferenciando-se assim dos que trabalham com uma maior rigidez jornalística. Os podcasts de *storytelling* apresentam de maneira mais clara as características de imersividade, citadas por Viana (2018) como:

Tipo de narrativa, tem como propósito conduzir o ouvinte a vivenciar histórias em situações imaginadas ou reproduzidas, numa forma de imersão com o conteúdo, sejam elas reais ou de ficção. A narrativa radiofônica possui elementos que contribuem de forma fundamental para uma imersividade, como a possibilidade de reconstituição

sonora de áudios históricos, a entonação e o envolvimento emocional que a voz humana pode proporcionar. (VIANA, 2018, p.8)

Este modelo é utilizado a partir de uma narrativa que faz com que o ouvinte se sinta parte do ambiente por meio da sonorização empregada no ato da roteirização e edição do produto. Nele não há necessidade de escutar diretamente os entrevistados e, quando há, os recortes das entrevistas se dão no contexto da história, utilizando um roteiro que se adapta ao relato, sem que a narrativa do podcast seja quebrada.

Entretanto, estes formatos podem ser hibridizados, fazendo com que o podcast se torne uma mistura da contação de histórias, por meio dos narradores – que produzem o podcast –, e relatos reais dos personagens que viveram os fatos abordados. Considerando que os podcasts podem, por meio dos relatos, produzir espaços sonoros, eles podem também fazer um trabalho de construção de um imaginário a partir dos relatos, como afirma Viana (2018).

O pesquisador Marcelo Kischinhevsky (2017) afirma que o podcast investe na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração dos personagens em diversos momentos dos episódios. Em face da discussão sobre o podcast e seus modos de sensibilizar o ouvinte por meio dos áudios é possível então compreender que, com a utilização dos relatos sonoros, o projeto Vidas (in)Visíveis teve como guia a força das gravações dos entrevistados como sustentadoras de opiniões, vivências e histórias, tanto de dor, de superação, de afeto e diversas emoções transmitidas pelos entrevistados por meio das falas.

As linguagens sonoras e principalmente os podcasts fomentam, por meio das vozes e das construções de espaços sonoros, meios para que estas emoções sejam passadas de forma clara e sensível para o ouvinte. Para atingir o processo de sensibilização do ouvinte, a edição dos conteúdos impulsiona a aproximação do relato à contação de histórias. Na sonorização dos programas há a utilização de trilhas sonoras – exclusivas em cada episódio, levando em consideração o assunto e o tom da conversa – e de recortes de músicas rememoradas pelos entrevistados. As escolhas das trilhas auxiliaram o produto a criar um contexto entre a fala do entrevistado e os sons que foram utilizados como pano de fundo.

O processo de se escutar o trecho do relato ao mesmo tempo em que se ouvem diferentes trilhas, com foco na que fizesse mais sentido estético para o momento do episódio, também constrói um espaço único e de imersão no conteúdo das falas. Com base nessa

relação entre música e contexto, o podcast em formato narrativo, aqui, tem como um dos pontos principais a busca de proximidade e imersão por meio da edição.

No rádio, esse novo gênero se manifesta com características específicas, como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos como afeto, medo, raiva e sensações suspense, alegria. A linguagem se aproxima da (e também atualiza a) contação de histórias. Cai o nível de redundância característico do texto no radiojornalismo, em função da atenção à narrativa, e ganham espaço os ganchos, os resumos explicativos que abrem e encerram os episódios. (KISCHINHEVSKY, 2018, p.79)

Por meio desses recursos, os ouvintes podem construir, em suas imaginações, os relatos e histórias narrados pelos interlocutores.

OS EPISÓDIOS

Intitulados como Esperança, Renascimento, Trabalho e Acolhimento, respectivamente, os episódios do Vidas (in)Visíveis narram as histórias do Sr. João Eustáquio, Sra. Alda, Sr. Luiz Diogo, Sra. Vera Lúcia e Sra. Maria de Jesus. Divididos em temas que fazem relação com o tom dos relatos, os episódios trazem histórias de vida dos personagens contadas por eles mesmos⁴. Os episódios estão disponíveis na plataforma Anchor e também no Spotify⁵.

No primeiro episódio é apresentada a história de vida de João Eustáquio, marianense de 69 anos, e morador do Lar Santa Maria desde 2017. O Sr. Taquinho, como gosta de ser chamado, falou sobre assuntos que perpassaram sua vida, desde a infância até sua institucionalização. O nome que intitula o episódio se deve à esperança do idoso de sair do Lar, que aparece várias vezes durante a conversa. Por conta de um acidente ao cair de uma escadaria, o Sr. Taquinho ficou paraplégico e sua família solicitou a institucionalização. Anteriormente à gravação, a direção do Lar informou, de maneira particular, que o idoso já foi informado judicialmente que não há a possibilidade do restabelecimento de sua independência. Entretanto, ele não aceita a decisão e, por vezes, se irrita ao ser lembrado que não poderá sair do Lar.

⁴ Todas as entrevistas e contatos foram realizados de forma remota, por meio da plataforma Google Meet, pela restrição de visitas ao Lar Comunitário Santa Maria, devido à pandemia de Covid-19.

⁵ Disponível em: <https://anchor.fm/vidasinvisiveis> e <https://open.spotify.com/show/0pVIVFO9WfWeEGKSYOug8m>

Renascimento: O segundo episódio traz a história de Alda Alves Viana, ouro-pretana de 80 anos de idade. O nome escolhido para o episódio se deu por conta de três momentos marcantes em sua vivência: seu nascimento, quando veio ao mundo desacordada, o segundo ao ser atropelada quando tinha cerca de 40 anos de idade, e o terceiro, que desencadeou sua chegada ao Lar Santa Maria. A idosa esteve completamente lúcida durante a conversa e por pouquíssimas vezes esqueceu de fatos ocorridos em todas as fases de sua vida. O episódio de Dona Alda, por esse motivo, foi o de maior duração, chegando aos 28 minutos, tornando-o o maior da série e refletindo diretamente na riqueza de detalhes das exposições. Em suas falas, Dona Alda seguiu uma linha cronológica, na qual contou de suas fases da vida, e também de sua condição como institucionalizada.

Trabalho: diferentemente dos dois primeiros episódios, a terceira parte da série narra a história de vida de dois idosos. O sr. Luiz Diogo, de 82 anos, falou muito pouco em sua entrevista. Suas respostas foram sempre curtas, breves, por vezes evasivas. Várias vezes, estimulado a falar de momentos marcantes de sua infância, vida adulta, ou da fazenda em que morou, respondia com frases como “não lembro de nenhuma por agora”, “não tenho nenhuma história”, “nada me marcou”. A segunda entrevista do episódio foi com Dona Vera Lúcia, de 73 anos. Em um primeiro momento, a conversa com Dona Vera era uma das mais esperadas, pois, segundo a coordenação do Lar, a idosa é muito comunicativa. Entretanto, no decorrer do tempo, Dona Vera precisou fazer uma cirurgia e teve uma das pernas amputadas, por causa de uma doença pré-existente. Na conversa o assunto da doença, da cirurgia e nada relacionado ao Lar Santa Maria foi citado. Pelo contrário, a idosa, que apresenta um certo grau de senilidade, afirmou categoricamente que não mora na instituição, e quando questionada, disse estar no seu local de trabalho. A reescuta atenta das duas entrevistas observou-se que ambos os idosos discorriam muito sobre o trabalho e a forma como ele os marcou durante a vida. A partir dessa informação, fez-se a seleção de trechos, articulação e construção de um roteiro no qual o entrecruzamento das narrativas fizesse sentido. O episódio foi finalizado com 19 minutos de duração, e a sua edição foi realizada de modo a fazer uma diferenciação entre as duas histórias, mesmo ambas estando em um único programa. Para isso foi utilizada uma categoria de trilha sonora específica para cada um dos idosos, por meio de gêneros musicais que combinassem com o perfil de cada um deles.

Acolhimento: o último episódio da série Vidas (in)Visíveis traz a história da Maria de Jesus, uma senhora de 58 anos, moradora do Lar Santa Maria desde 2017. Dona Maria é uma senhora que, de acordo com a coordenação do Lar Santa Maria, tem uma certa deficiência física e cognitiva. Essa deficiência influencia diretamente na sua dicção, que, por alguns momentos, se torna difícil de ser entendida. Por conta dessa dificuldade de relatar alguns fatos da vida – inclusive a própria idade –, o episódio tem a participação da Assistente Social e Coordenadora das Obras Sociais Monsenhor Horta, Teresa Santos. A funcionária do lar é intitulada por Maria como sua mãe e ela afirma que apenas Teresa sabe alguns fatos de sua história de vida. Apesar das particularidades sonoras do episódio, que em muitos momentos produzem dificuldade de escuta, optou-se por manter a conversa como último programa da série, pois, significativamente, Dona Maria representa todas as pessoas institucionalizadas que vivem com algum tipo de deficiência cognitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base tanto na produção prática do podcast Vidas (in)Visíveis, quanto nos conceitos mobilizados no decorrer deste trabalho, é possível afirmar que os relatos autobiográficos dos idosos moradores do Lar Santa Maria na série constroem uma ligação entre o ouvinte e o interlocutor. Ao escutar os narradores contando suas próprias histórias e trajetórias de vida é possível que sejam estimuladas sensações como angústia, alegria, dúvida, desconfiança, tristeza, choque e até mesmo carinho.

O uso dos relatos, juntamente à sonorização, faz com que o ouvinte possa se imaginar frente a frente com o interlocutor, estando num papel de agente de escuta ativa. Além disso, por meio das vozes, da entonação dos narradores, acredita-se que há uma criação imaginária das situações narradas.

O podcast, então, seria uma forma de aproximar o narrador do ouvinte, fazendo assim a re colocação desses sujeitos em contexto de vidas ativas, trabalhando em uma diminuição de estereótipos e imagens negativas quanto aos idosos institucionalizados. Com a utilização da tomada de palavra e dos relatos autobiográficos que compreendem uma vida anterior, e também dentro da instituição, os idosos podem se colocar nos seus lugares de individualidade e de especificidade, os retirando da ideia de apenas mais uma pessoa dentro da instituição.

Ao mesmo tempo, esses os episódios e seus relatos constituem um importante registro da memória desses sujeitos, de tempos, lugares e valores que ultrapassam em muito apenas as histórias individuais de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução da diretoria colegiada - RDC Nº 283**, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html. Acesso em 10 de abril de 2021.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEBERT, Guita. **A Reinvenção da velhice** : socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004. p. 99-136

FAGUNDES, Karolina; ESTEVES, Michelly; RIBEIRO, João; SIEPIERSKI, Carlos; SILVA, José; MENDES, Maria. Instituições de longa permanência como alternativa no acolhimento das pessoas idosas. **Revista de Salud Pública**, v.19, n.2, abril 2017.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO; SESC-SP. **Idosos no Brasil II: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/idosos-no-brasil-vivencias-desafios-e-expectativas-na-terceira-idade/>. Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

LEJEUNE, Philippe. Autobiografia e ficção. In: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico** : de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.103-109.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación**, v.5, n.10, p.74-81, out. 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJor), 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBPJor, 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/view/598/399>. Acesso em 1 de maio de 2021.

MACHADO, Felipe. *Seja jovem: sentidos sobre a velhice em cinquenta anos de Veja (1968-2017)*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2020.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p.9-68.

SILVA, Giuslane. Resenha de HALBWACHS, Maurice, A memória coletiva. Aedos, Porto Alegre, v.8, n.18, p.247-253, Ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252> Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

SILVA, Luna. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, v.15, n.1, p.155-168, jan./mar. 2008.

SIMÕES, Yuri. **Como produzir um podcast**. Ouro Preto: Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

VIANA, Luana. Áudio imersivo: recurso binaural na construção de narrativas em podcasts ficcionais de drama. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom), 2018, Joinville. **Anais....** São Paulo: Intercom, 2018.